

Giovanni Michelotti e sua contribuição às primeiras coleções científicas do Museu Nacional

Antonio Carlos Siqueira Fernandes
Vittorio Pane

Resumo: Em 1836 o advogado e paleontólogo turinense Giovanni Michelotti enviou ao Museu Nacional do Rio de Janeiro uma coleção de material conchiliológico fóssil da Itália. Procedente da região do Piemonte, a coleção, representativa da paleofauna terciária italiana, correspondia a um acervo inestimável para as coleções paleontológicas que se iniciavam na instituição. Permanecendo entre as demais coleções adquiridas ao longo do século XIX e que sofreram constantes perdas no acervo no período, tornou-se de difícil reconhecimento já na metade do século seguinte quando da reformulação das coleções paleontológicas. A análise de documentos e do acervo da atual coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional possibilitou seu reencontro, estando a coleção encaminhada por Michelotti hoje limitada a um número menor de exemplares do que a relação constante em sua correspondência. Em virtude do desaparecimento da remessa de material fossilífero anterior à iniciativa de Giovanni Michelotti de que se tem conhecimento, a coleção representa o mais antigo acervo de fósseis do Museu Nacional, sendo reconhecida tanto pelo seu valor histórico como científico. Como complemento a sua importância histórica, representa também a primeira tentativa de intercâmbio internacional por um paleontólogo estrangeiro com a instituição.

Palavras-chave: Giovanni Michelotti; Museu Nacional; coleção científica

Giovanni Michelotti and his contribution to the first scientific collections of the Museu Nacional

Abstract: In 1836, the lawyer and paleontologist Giovanni Michelotti from Turin sent a collection of fossil mollusk shells from Italy to the Museu Nacional at Rio de Janeiro. This representative Piedmontese collection of the Italian paleofauna from the Tertiary was invaluable to the newly started paleontological collections at this institution. Being stored together with other collections that were being gathered and constantly lost over the XIX century, it became difficult to find it during the recast of paleontological collections in the first half of the XX century. The analysis of documents and the current invertebrate collection of the Museu Nacional enabled the collection to be found, though with fewer specimens than it was originally reported by Michelotti in his letters. Having most of it disappeared before Michelotti's shipping of fossil material, this collection represents the oldest fossil collection of the Museu Nacional, which is regarded for both its historical and scientific values. In addition to its historical importance, it also stands for the first attempt of international exchange between a foreign paleontologist and the institution.

Keywords: Giovanni Michelotti; Museu Nacional; scientific collection

Giovanni Michelotti e sua contribuição às primeiras coleções científicas do Museu Nacional

Antonio Carlos Sequeira Fernandes*

Vittorio Pane**

1 INTRODUÇÃO

A aquisição das primeiras coleções para o Museu Nacional, no período inicial após sua fundação em 1818, foi preocupação constante de seus primeiros dirigentes. A necessidade de aumento do acervo da nova instituição de História Natural era premente, com solicitações de providências ao governo Imperial. Entre as medidas adotadas, os naturalistas viajantes estrangeiros, comuns no país no início do século XIX, eram obrigados a enviar pelo menos uma amostra de tudo que coletassem ao Museu, exemplo seguido pelos presidentes de províncias quando da formação de coleções regionais.

Outras contribuições ocorreram com os intercâmbios internacionais que se consagrariam no decorrer do século, permitindo “dispor de coleções de caráter universal”, importantes no “ideal” de funcionamento e organização do Museu Metropolitano, agora no Rio de Janeiro” segundo moldes europeus, como se pretendia para o Museu Nacional (Lopes, 1997, p. 47). Entre as coleções que chegaram ao Museu destaca-se a do advogado e paleontólogo italiano Giovanni Michelotti que enviou material conquillológico fóssil em 1836 (Doc. Museu Nacional nº 46, pasta 2, de 24/01/1836). Procedente do Piemonte, noroeste da Itália, seu reencontro nas atuais coleções de paleoinvertebrados do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) revelou-se de grande importância.

* Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Quinta da Boa Vista s/n, São Cristóvão, 20940-040, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: fernande@acd.ufrj.br.

** Clube Alpino Italiano Sezione di Giaveno, Piazza Colombatti, 14, 10094 Giaveno (TO), Itália. E-mail: vpane_mgs@caigiaveno.com



Figura 1. Fotografia, sem data, de Giovanni Michelotti

O levantamento detalhado do acervo e a análise da documentação permitiram traçar os rumos tomados pela referida coleção e o interesse de Michelotti em sua contribuição ao Museu Nacional.

2 GIOVANNI MICHELOTTI: ADVOGADO E PALEONTÓLOGO

Giovanni Michelotti, nascido em Turim em 1814, ainda jovem obteve o diploma em Direito, mas sua verdadeira vocação, a de paleontólogo, surgiu em seguida. Durante suas excursões às colinas de Turim, iniciou uma coleção de fósseis marinhos. Em 1838, com apenas 24 anos, publicou seu primeiro trabalho científico com conteúdo geológico seguido, no mesmo ano, de um outro sobre a zoofitologia terciária do Piemonte (Michelotti, 1838a, 1938b). Numa rápida sucessão, publicou outros trabalhos, além de um compêndio sobre a geologia, muito apreciado no mundo científico. Com o tempo, a sua coleção paleontológica se enriqueceu ainda mais com exemplares importantes e raros e, em 1847, publicou seu principal trabalho, a descrição dos fósseis miocênicos. No inverno de 1854-1855, em viagem ao Caribe, efetuou importantíssimas observações biológicas e paleontológicas, coletando importante coleção de corais, que lhe permitiu redigir duas Memórias. A partir de 1861, após a publicação do estudo sobre os fósseis oligocênicos da Itália Setentrional, Michelotti completou o que para muitos foi considerado o período mais ativo e fértil de sua vida científica. Em 1880, doou sua valiosa coleção paleontológica para o Museu Geológi-

co da Universidade de Roma, ali permanecendo por dois anos para organizar a coleção. Por esta doação, recebeu a condecoração honrosa “Comenda da Coroa Italiana”. Ao fim do trabalho em Roma, após breve passagem por Nápoles e Caserta, retornou ao Piemonte. Faleceu em 21 de dezembro de 1898, na região da Ligúria, em San Remo.

3 A CARTA DE MICHELOTTI: O INTERESSE PELO INTERCÂMBIO

Em 1836, Michelotti encaminhou ao Museu Nacional correspondência relativa a uma coleção de material conculiológico fóssil, que enviava ao Museu. Não há documentação que permita saber com exatidão a razão pela qual Michelotti entrou em contato com a instituição, equivocadamente interpretada por Lopes (1997, p. 59) como uma solicitação de emprego. Na correspondência, datada de 24 de janeiro de 1836, Michelotti oferecia uma coleção de fósseis da região do Piemonte, fonte de incontáveis fósseis terciários de excelente preservação e anexava uma lista de fósseis procedentes das colinas de Turim e Asti. O material, que aparentemente não havia sido encaminhado junto com a carta, seria posteriormente levado por seu irmão, então oficial de um navio, concretizando a entrega que deve ter ocorrido possivelmente junto com a carta, transcrita abaixo:

Distintissimo Personaggio, / Mercé singolare favore della fortuna mi è finalmente concesso di mandare ad esecuzione uno de miei più cari voti. Colla fregata di S.M. [Sua Maestà] l'Euridice posso a voi indirizzandomi comunicare con coltissimo Signore, tentando nel medesimo tempo di offrirvi quei piccoli servigiù nella Storia Naturale che alla S.V. [Signoria Vostra] sono più cari e che dipendono dai tenui mezzi dei quali posso disporre. / Segno di questi servigi è questo piccolo invio che mi arrogo la libertà d'indirizzarvi pregandovi nel medesimo tempo di supplire colle vostre molte cognizioni ai difetti che nella classificazione vedrete. Qualora la bontà della S.V.I. [Signoria Vostra Illustrissima] mi aggiudicasse qualche oggetto la pregerèi primieramente dei zoofiti non arborescenti, poscia delle conchiglie viventi dei fiumi, laghi e delle marine specialmente dei conchi delle mitre col nome o senza duplicati più o meno o semplici il tutto come è più caro alla Signoria Vostra Nobilissima. / Mio fratello il Signor Francesco Michelotti ufficiale a bordo dell'Euridice e quello per cui ho l'onore di trasmettervi il presente primo umile invio, di quello che riceverà la risposta che la V. P. [Vostra Pregiatissima] si degnerà trasmetterle. / Accettando ed aspettando alacrememente i vostri cari comandi sia per oggetti che per libri alla Storia naturale appartenenti ho l'onore di protestarmi della N.V.

[Nobiltà Vostra] pregiatissima. / Torino 24 giugno 1836. / Umilissimo e Devotissimo Servo. / Avvocato Giovanni Michelotti. (Doc. Museu Nacional nº 46, pasta 2, de 24/01/1836)

A análise do manuscrito revela que Michelotti provavelmente não conhecia seu interlocutor, já que não se dirigia a uma pessoa específica. Certamente enviou a coleção sem saber quem a receberia, na esperança de estabelecer um primeiro contato através do intercâmbio de material e documentação científica. Na ocasião, Michelotti tinha somente 22 anos e com toda probabilidade estava no início dos seus estudos paleontológicos, o que explica também a extrema deferência que utiliza em muitos trechos.

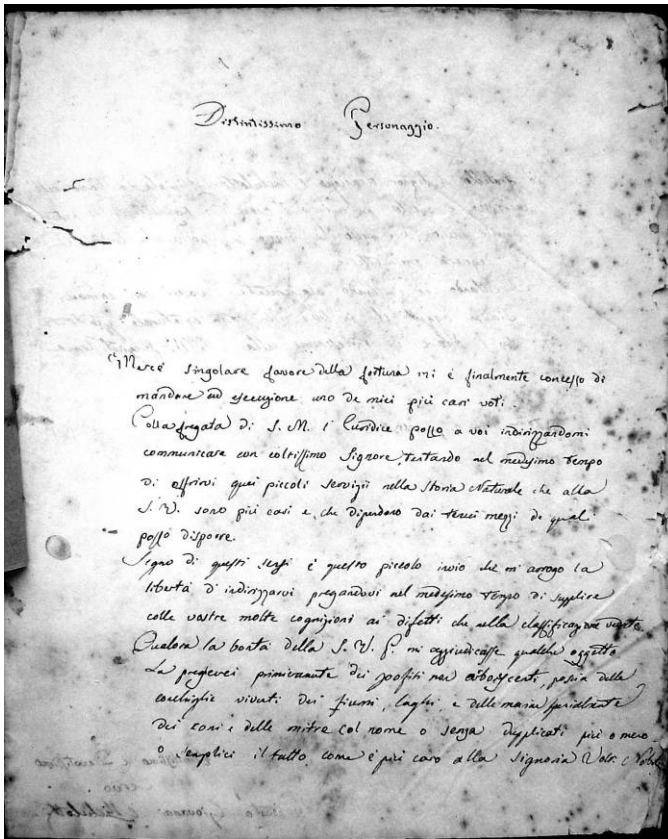


Figura 2. Primeira página da carta de Giovanni Michelotti (Doc. Museu Nacional nº 46, pasta 2, de 24/01/1836).

Na carta, convida o destinatário a corrigir, quando necessário, a classificação dos fósseis (mais um sinal da insegurança do jovem paleontólogo) e, ao mesmo tempo, formula um pedido específico do tipo de material que gostaria de receber em contrapartida. Michelotti solicitou, em troca dos fósseis piemonteses, exemplares tropicais do litoral brasileiro, escolha facilmente explicada pelo fato de que, naquela época, era muito difícil, para um europeu, obter exemplares sul-americanos. Cabe ressaltar que tal interesse poderia estar relacionado à paixão que Michelotti tinha por organismos marinhos como os corais, revelado principalmente quando de sua viagem a Cuba e Guadalupe, no Caribe, cerca de 18 anos depois, em meados do século XIX, em companhia de Édouard Placide Duchassaing de Fonbressin (1819-1873), médico e naturalista francês, resultando em duas monografias (Duchassaing de Fonbressin & Michelotti, 1860 e 1864) nas quais os dois autores listaram 409 espécies de cnidários, das quais 208 eram novas para a ciência.

A notícia de interesse de intercâmbio com instituições estrangeiras por parte do Museu Nacional provavelmente chegou ao conhecimento de Michelotti na primeira metade da década de 30. De Gênova, foram enviados produtos mineralógicos e geognósticos do Vesúvio (Aviso de 29/01/1831; Doc. Museu Nacional 141, pasta 1) e, de Roma (Aviso de 15/01/1834; Doc. Museu Nacional nº 13, pasta 2), chegaram objetos de História Natural dos “Estados Pontifícios” remetidos pelo diretor do Museu de Roma. Produtos zoológicos e mineralógicos acompanhados de uma solicitação de intercâmbio com a instituição foram novamente enviados pelo diretor do Museu de Roma em 1837 (Aviso de 30/08/1837; Doc. Museu Nacional nº 62, pasta 2). Da mesma forma, mas aparentemente independente de qualquer instituição oficial, Michelotti empreendeu uma solicitação de permuta ao que tudo indica de caráter pessoal. Não foram encontrados, entretanto, no acervo do Museu Nacional, documentos que comprovem uma resposta à carta de Michelotti.

No manuscrito fica também evidente a responsabilidade do irmão Francesco no transporte da remessa e que a Michelotti restava somente esperar pacientemente por uma resposta. Em 1836, ano de redação do documento, a Itália não constituía ainda um reino unido, mas apresentava-se dividida em diversos estados. Turim representava a capital do Reino da Sardenha tendo, em Gênova, sua principal saída para o mar. Desse porto, provavelmente partiram diversos navios atendendo à iniciativa de promoção comercial e diplomática do Reino da Sardenha, inclusive da fragata Euridice, a bordo da qual estava embarcado, como oficial, o irmão de Mi-

chelotti, incumbido de transportar a coleção. A fragata deve ter aportado no Rio de Janeiro em julho ou início de agosto de 1836, quando então o manuscrito e a coleção devem ter sido entregues pessoalmente por Francesco Michelotti ao diretor do Museu Nacional, antes de seguir para Montevideu, aonde chegou ainda no mês de agosto. Pesquisas efetuadas na Universidade de Turim não evidenciaram um possível prosseguimento de intercâmbio entre Itália e Brasil ligado a este evento. Não se deve esquecer, todavia, que se tal contato foi mantido de forma particular, poderia, portanto, resultar na ausência de uma documentação oficial.

Apesar da falta de documentação que comprove uma resposta por parte do Museu Nacional, foi encaminhada, no ano seguinte, uma outra coleção conchiliológica composta por 100 espécies de conchas de gastrópodes recentes fluviais e terrestres e 100 espécies de gastrópodes fósseis marinhos procedentes da cidade de Roma e seus arredores. Apesar desse material conchiliológico não ter sido identificado nas atuais coleções dos setores de Malacologia e de Paleoinvertebrados do Museu Nacional, a sua remessa ficou evidenciada pela listagem do material encaminhada especificamente à instituição pelo Museu de Roma em 10 de janeiro de 1837, arquivada no acervo da Seção de Memória e Arquivo (Doc. Museu Nacional nº 59, pasta 2). Embora não se encontre anexada à listagem uma carta de encaminhamento com sua respectiva coleção, esta certamente deve ter chegado junto com o documento, a exemplo da coleção encaminhada em 1836, pois não era comum o envio prévio de listas de materiais científicos para sua remessa posterior. As justificativas para o desaparecimento da coleção ficam, entretanto, no campo das hipóteses, como a falta de retorno de um empréstimo para fins didáticos, prática comum com as coleções do Museu Nacional ao longo do século XIX, ou o seu extravio quando da transferência do acervo do antigo prédio situado no campo de Santana para as novas instalações no palácio situado na Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, em 1890.

Não se tem conhecimento de outras contribuições de Giovanni Michelotti ao Museu Nacional. As razões são desconhecidas, mas pode-se supor que o seu desinteresse por novos intercâmbios possa ter sido resultado da falta de uma resposta por parte da instituição e a remessa do material por ele solicitado. Convém ressaltar, entretanto, que apesar do enriquecimento das coleções com produtos originários da Europa, o museu carecia de produtos brasileiros, cujo conteúdo era muito pobre (Lopes, 1997, p. 60). Esta carência de produtos brasileiros seria provavelmente a principal razão para a não efetivação da permuta com o paleontólogo italiano.

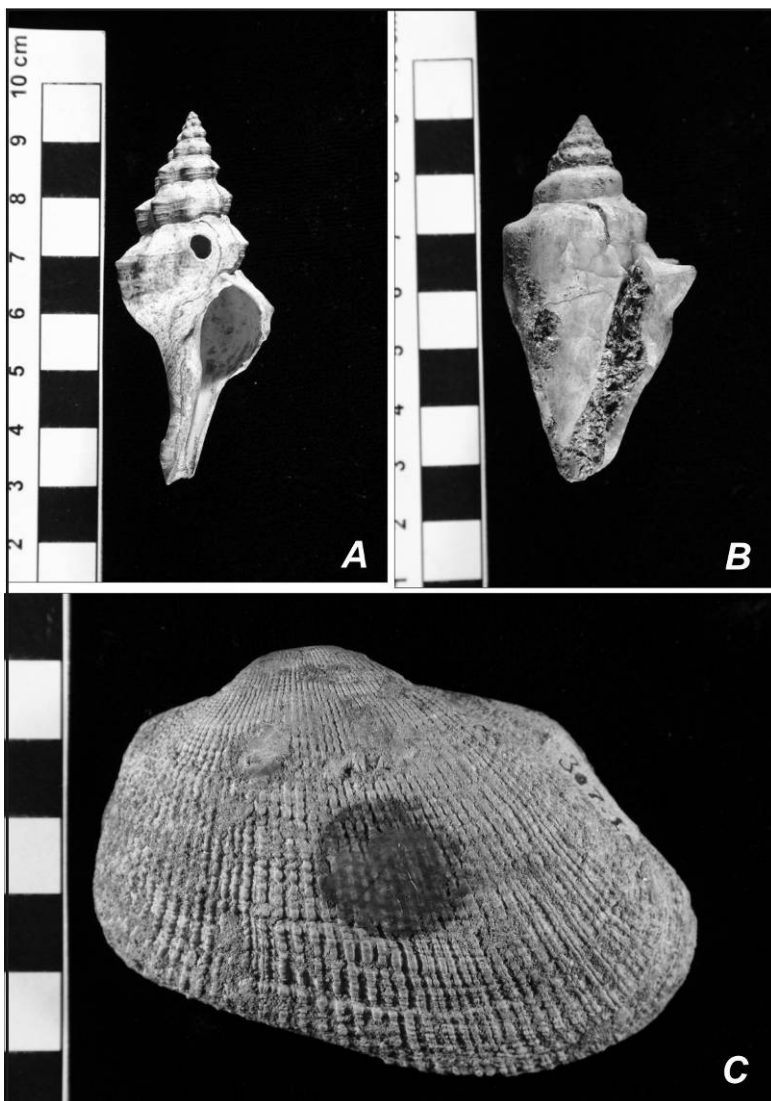


Figura 3. Fósseis da região de Piemonte, Itália, presentes na coleção do Museu Nacional. A) *Fasciolaria fimbriata* Lamarck (MN 492-I); B) *Strombus bonelli* Brogniart (MN 483-I); C) *Arca ovata* Lamarck (MN 307-I). Escalas em centímetros.

4 A IMPORTÂNCIA CIENTÍFICA E HISTÓRICA DA COLEÇÃO MICHELOTTI

Com o extravio do material fóssilífero coletado no Uruguai e enviado por Frederich Sellow (1789-1831), naturalista prussiano, ao Museu Nacional em 1826 (Paula Couto, 1948, p. 3), a coleção Michelotti se tornou a mais antiga coleção de fósseis a fazer parte do acervo paleontológico da instituição. Do final da mesma década, de 1939, data a presença de um exemplar de tronco fossilizado observado por Jean-Antoine Guillemain (1796-1842), naturalista e botânico francês, que levou um fragmento do mesmo para Paris, sendo posteriormente descrito por Adolphe-Théodore Brongniart (1801-1876), botânico francês, como *Psaronius brasiliensis*, o primeiro fóssil vegetal descrito para o Brasil (Brongniart, 1872; Oliveira, 1937, p. 1 e 10; Dolianiti, p. 21). Um isótipo da espécie retornou ao Museu Nacional, e sua atual presença na coleção de paleobotânica torna-o o segundo exemplar mais antigo do acervo.

As coleções paleontológicas (paleoinvertebrados, paleovertebrados e paleobotânica) do Museu Nacional totalizam cerca de 17.557 registros englobando em torno de 56.836 exemplares. Na coleção de paleoinvertebrados, dos seus 8.070 registros, 3.060 correspondem a fósseis estrangeiros que foram incorporados ao acervo. Desses, um número considerável de registros e exemplares (2.053 e 7.466, respectivamente), foram incorporados ainda no século XIX. São fósseis procedentes de inúmeros países, mas principalmente da América do Norte e da Europa. A ausência de anotações sobre os doadores dos exemplares levou a Fernandes *et al.* (2006, p. 6) a interpretação de que os fósseis constituíssem parte de uma coleção de fósseis encaminhados pelo Museu de Zoologia Comparada da Universidade de Harvard, Cambridge, EUA, que teriam chegado ao Museu Nacional em virtude das relações existentes entre Charles Frederick Hartt (1840-1878) e Orville Adelbert Derby (1851-1915), geólogos de nacionalidades canadense e norte-americana, respectivamente, ambos da Comissão Geológica do Império (1875-1877), com o museu de Harvard. Segundo Fernandes *et al.* (2006, p. 8), os fósseis seriam úteis para comparação com os fósseis brasileiros coletados pela Comissão, auxiliando na sua identificação. Nessa coleção, 361 registros (compreendendo 1.029 exemplares) correspondem a fósseis provenientes da Itália. A comparação relação de espécies anexa ao manuscrito de 1836 com as registradas no livro de tombo do acervo de paleoinvertebrados, permitiu o reconhecimento de 54 espécies enviadas por Michelotti, comprovadas principalmente pelas localidades de

procedência. Correspondentes ao mesmo número de registros, as espécies estão representadas por 127 exemplares de moluscos marinhos do Terciário do Piemonte.

Apesar do pequeno número de registros e exemplares que ainda permanecem no acervo, a coleção Michelotti representa uma excelente contribuição ao conhecimento da paleontologia italiana, tornando-se ainda mais significativa pelo fato de que muitos dos sítios originais de coleta encontram-se hoje inacessíveis devido à expansão urbana e impossibilidade de acesso.

A coleção Michelotti encontra-se, além disso, ligada à própria história da preservação dos acervos da instituição que a abriga. De sua fundação até 1890 o Museu Nacional foi instalado no prédio ainda existente junto à Praça da República e, a partir da Proclamação da República, mudou-se para o antigo palácio em São Cristóvão, onde ainda permanece. Tanto no prédio antigo durante o século XIX, como no atual até meados de 1940, as coleções permaneciam em sua grande parte expostas ao público, guardadas nos móveis expositores ou nas respectivas seções ou divisões. Coleções eram emprestadas para ensino em outras instituições e, assim como na mudança para o palácio em São Cristóvão, ocorreram perdas do acervo. Somente após 1940 as coleções foram organizadas nos moldes atuais. No livro de tombo observa-se a perda de muitas informações originais e, na análise realizada, constatou-se que uma parte dos fósseis incluídos no novo tombamento originou-se da coleção de Michelotti. Verificou-se também a ausência de registros de outras remessas do Piemonte ao Museu, além de não serem conhecidas coletas significativas de fósseis na região para posterior envio a instituições estrangeiras. Estes dados reforçaram, deste modo, a relação dos fósseis piemonteses da coleção com a remessa de Michelotti.

A pesquisa efetuada junto ao acervo documental e paleontológico do Museu Nacional permitiu, portanto, o reconhecimento dos exemplares remanescentes de uma das mais antigas coleções de fósseis remetidas à instituição na primeira metade do século XIX, revestindo-se, assim, grande valor patrimonial, tanto científico como histórico, por constituir parte dos primeiros acervos científicos da instituição.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRONGNIART, Adolphe. Notice sur le *Psaronius brasiliensis*. *Bulletin de la Société Botanique de France* **19**: 3-10, 1872.
- DOLIANITI, Elias. A paleobotânica no Brasil. *Boletim do Departamento*

- Nacional da Produção Mineral, Divisão de Geologia e Mineralogia* (123): 1-87, 1948.
- LOPES, Maria Margareth. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- DUCHASSAING DE FONBRESSIN, Édouard Placide; MICHELOTTI, Giovanni. Mémoire sur les coralliaires des Antilles. *Memorie della Reale Accademia delle Scienze di Torino* [série 2] **19**: 279-366, 1860. Publicado também sob forma de livro: *Mémoire sur les coralliaires des Antilles*. Torino: Imprimerie Royale, 1860.
- . Supplément au mémoire sur les coralliaires des Antilles. *Memorie della Reale Accademia delle Scienze di Torino* [série 2] **23**: 97-206, 1866. Publicado também sob forma de livro: *Supplément au mémoire sur les coralliaires des Antilles*. Torino: Imprimerie Royale, 1864.
- FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira Fernandes; FONSECA, Vera Maria Medina da; VIEIRA, Priscila Magalhães; MARINO; Laís Machado. Os fósseis estrangeiros da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional. *Publicações Avulsas do Museu Nacional* (108): 1-36, 2006.
- MICHELOTTI, Giovanni. *Specimen zoophytologiae diluviane*. Torino: Heredes Botta, 1838 (a).
- . Geognostische-zoologische Ansicht über die tertiären Bildungen Piemonts. *Neues Jahrbuch für Mineralogie Geologie und Palaeontologie* **8**: 395-400, 1838 (b).
- . Précis de la faune miocène de la Haute Italie. *Natuurkundige Verhandelingen van de Hollandsche Maatschappij der Wetenschappen te Haarlem* [2e verzameling = série 2] **3** (2): 1-408, 1847. Publicado também sob forma de livro: *Précis de la faune miocène de la Haute Italie*. Leide: A. Arnz; Haarlem: Erven Loosjes, 1847.
- . Études sur le Miocène inferieur de l'Italie septentrionale. *Natuurkundige Verhandelingen van de Hollandsche Maatschappij der Wetenschappen te Haarlem* [2e verzameling = série 2] **15** (1): 1-183, 1861. Publicado também sob forma de livro: *Études sur le Miocène inferieur de l'Italie septentrionale*. Haarlem: Les Héritiers Loosjes, 1861.
- OLIVEIRA, Euzébio de. Estado actual da Paleobotânica brasileira. *Notas Preliminares e Estudos*, Ministério da Agricultura, Serviço Geológico e Mineralógico (10): 1-16, 1937.
- PAULA COUTO, Carlos de. Sobre os vertebrados fósseis da coleção Selow, do Uruguai. *Boletim do Departamento Nacional da Produção Mineral, Divisão de Geologia e Mineralogia* (125): 1-14, 1948.